



Universidades Lusíada

Seco, Rui, 1971-

Cidades dotadas de uma inteira falta de atenção

<http://hdl.handle.net/11067/7449>

<https://doi.org/10.34628/6J3A-HF70>

Metadados

Data de Publicação

2024

Resumo

O questionar da modernidade e das suas propostas arquitectónicas e urbanísticas, marcado pelas respostas do pós-guerra à devastação na Europa, veio transformar profundamente o pensamento e os sentidos de evolução da sociedade, com reflexo nas ciências e nas artes. Um ambiente volátil, atomizando os sentidos de pesquisa disciplinar, catalisou processos de crescimento urbano e de suburbanização que se plasmaram no território, realizados sem referências sólidas, mas sim nos meios e nos processos. ...

Modernism and its architectural and urbanistic solutions were criticized reflecting on Europe's post-war reconstruction. The creation of this new urbanity informed a deep transformation in the society's perspective on progress, impacting in science and art. A volatile environment emerged, lacking conviction ground, and the atomization of different ideas catalyzed processes of urban development and suburbanization that shaped territories, stemming from resources and procedures, and not from urban...

Tipo

bookPart

Editora

Universidade Lusíada Editora

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-22T13:26:22Z com informação proveniente do Repositório

**CIDADES DOTADAS DE UMA INTEIRA
FALTA DE INTENÇÃO**
CITIES WITH A COMPLETE LACK OF INTENTION

Rui Seco

CITAD – FAA-UL

DOI: <https://doi.org/10.34628/6J3A-HF70>

Resumo: O questionar da modernidade e das suas propostas arquitectónicas e urbanísticas, marcado pelas respostas do pós-guerra à devastação na Europa, veio transformar profundamente o pensamento e os sentidos de evolução da sociedade, com reflexo nas ciências e nas artes. Um *ambiente volátil*, atomizando os sentidos de pesquisa disciplinar, catalisou processos de crescimento urbano e de suburbanização que se plasmaram no território, realizados sem referências sólidas, mas sim nos meios e nos processos.

A substância das palavras de Herberto Helder ao *discorrer sobre a ordem do mundo* fundamenta, neste texto, uma reflexão sobre a necessidade de construção de um novo projecto de cidade, situado no âmago disciplinar da arquitectura - através do desenho, como fundamento para criação e entendimento do lugar, âncora da relação, da integração e da cidadania.

Abstract: Modernism and its architectural and urbanistic solutions were criticized reflecting on Europe's post-war reconstruction. The creation of this new urbanity informed a deep transformation in the society's perspective on progress, impacting in science and art. A *volatile environment* emerged, lacking conviction ground, and the atomization of different ideas catalyzed processes of urban development and suburbanization that shaped territories, stemming from resources and procedures, and not from urban design.

Herberto Helder's poetry, *dissecting on the order of the world*, inspires this text's reflection on the importance of building a new project for the city, set at the core of the discipline of architecture - using design as a foundation for creating and understanding place, the anchor of relations, integration and citizenship.

Cidades dotadas de uma inteira falta de intenção

*"Discorrer sobre a ordem do mundo, e de qualquer capítulo dele, é menos que nomear. É o desencontro no acto das palavras"*¹.

Com esta afirmação, Herberto Helder introduz-nos à substância da sua poesia, e revela-nos a razão de alguns dos seus versos serem tão fortemente capazes de nos induzir uma reflexão sobre as coisas e a nossa relação com elas, muitas vezes mais do que outro tipo de textos ou estudos de *carácter científico*.

1 Herberto Helder, *Edoi lelia doura: antologia das vozes comunicantes da poesia moderna portuguesa*, 1985.

O rigor suprematista na escolha das palavras leva-nos a pensar sobre o seu significado primeiro, a sua substância profunda e verdadeira, quer quando nos fala de animais, de pedras raras, de mulheres, de amoras ou de girassóis, quer quando se trata de casas e de cidades.

No poema *Lugar*², Herberto fala-nos de cidades “onde as mulheres existem velozmente”, de “cidades absolutas, trabalhadas interiormente pelo pensamento das mulheres”. De “cidades esquecidas pelas semanas fora. Fervorosas e leves cidades”. Ele explica-nos “uma cidade quando as luzes evoluem, ou através de brilhos interiores. De pedras raras viradas na palma da mão”.

“E por dentro de tudo a morte ou a loucura. Estátuas encarnadas cheias de peixes. E o silêncio dobrado para a frente, na força da luz.” Para Herberto, “cidades existem entre as mães que contemplam as flores e folhas do sono. [...] são aposentos fixos quer na cabeça, entre brasas, quer no gosto, na audição. Barulho de passos, profundidade, devotamento misterioso. [...] Cidades que se envolvem de ecos e em cuja solidão extraordinária as mulheres batem seus dedos puros.” Cidades “amadas tragicamente por Deus e entrando na corrupção de Deus. [...] Fábulas de comércio. Imagens delicadas de uma suave indústria. Cidades dotadas de uma inteira falta de intenção.”

“Cidades vazias de cócoras contra a noite, ao lado de uma enorme ressurreição. Lírica antropofagia.”

“E os architectos deslocam-se, unindo nos dedos a pedra encurvada. [...] Imaginando logo uma paixão espantosa no sono. [...] Fechados sobre as mãos com instrumentos que se voltam no ar. Principiando a queimar-se. Isolando concepções geladas que entram na terrível purificação universal.”

Noutro poema, *A colher na boca*³, Herberto fala-nos também sobre arquitectura – “Falemos de casas, do sagaz exercício de um poder tão firme e silencioso como só houve no tempo mais antigo. Estes são os architectos, aqueles que vão morrer, sorrindo com ironia e doçura no fundo de um alto segredo que os restitui à lama. De doces mãos irreprimíveis. [...] Que fizeram estes architectos destas casas, eles que vagabundearam pelos

2 Herberto Helder, *Lugar*, 1962.

3 Herberto Helder, *A colher na boca*, 1961.

muitos sentidos dos meses, dizendo: aqui fica uma casa, aqui outra, aqui outra, para que se faça uma ordem, uma duração, uma beleza contra a força divina?"

Uma ordem contra a força divina, a cidade. Ou uma inteira falta de intenção?

A cidade exposta por Herberto Helder é uma afirmação da vida, da actividade e do calor humanos, do comércio e da velocidade, comovente pelo reflexo de quem a habita. Se a cidade e as casas têm alma, nelas transparece o levantar contra o céu, a *paciência do erguer*, e simultaneamente o declínio da morte, *morrer com um pouco, um pouco de beleza*. Esta cidade resultante cruza-se com a cidade que afirma a existência do homem, *um sinal de eternidade*, que os arquitectos sonham com paixão e procuram construir, enfrentando a natureza e o tempo.

Por detrás dos poemas de Herberto presente-se a fortíssima marca do tempo. A sua presença corrói o fogo que arde em cada casa, contra o seu poder se reflectem as luzes na velocidade, se dão as *encantadas trocas de carne doce e obsessiva*, se levantam as casas, procuram os arquitectos instalar uma ordem, uma duração.

Quatro décadas nos separam destes poemas, quatro décadas de transformações profundas nas nossas cidades. A poesia permanece [o seu grito contra a marcha do tempo]. Mantém-se, no entanto, o seu sentido? Como podemos, à semelhança de Herberto, procurar hoje o significado intrínseco da palavra cidade, o significado intrínseco da palavra arquitecto?

Perante a vasta alteração da sociedade e do território, observando o crescimento indefinido das áreas urbanas [ou peri-urbanas] - a *incontinência urbana* que Oriol Bohigas critica ⁴ - ainda nos é permitido entender com certeza o habitar, a cidade como marco da civilização e reflexo comovente da vida que a anima, ou pelo contrário, ela representa a materialização territorial da incapacidade de criação de *beleza contra a força divina* da sociedade actual? Sendo o momento, provavelmente, mais para interrogações do que para certezas, algumas reflexões se

4 Oriol Bohigas, *Contra la incontinencia urbana: reconsideración moral de la arquitectura y la ciudad*, 2004.

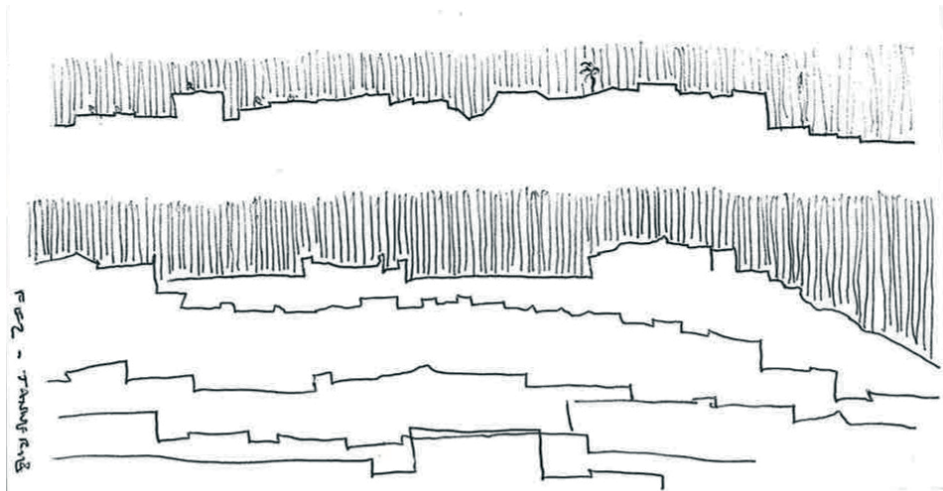
podem, no entanto, estabelecer, procurando entender a transformação que testemunhamos.

A suburbanização das cidades portuguesas não constitui um processo linear ou homogéneo, antes incorpora realidades distintas, tanto territorial como temporalmente. Num primeiro momento, baseou-se sobretudo nas grandes infra-estruturas de transporte colectivo em torno de Lisboa, com destaque para o comboio – sobretudo as conhecidas *Linha de Sintra* e *Linha do Estoril* - em que a urbanização principiou como o crescimento de uma sequência de centros urbanos a partir dos núcleos existentes ao longo destes eixos, baseando-se na mobilidade proporcionada pelo comboio e nos percursos pedonais a partir das estações, que polarizavam a organização dos espaços. Este processo teve sequência no crescimento progressivo dos núcleos, com o apoio do transporte por autocarro, que permitiu também o crescimento urbano nas zonas periféricas mais próximas da cidade. Foi também o autocarro que permitiu o desenvolvimento suburbano de muitas outras cidades portuguesas a partir das décadas de 1960 e 1970, com destaque para o Porto, com o apoio pontual das linhas férreas e rodovias existentes.

Seria, no entanto, a massificação exponencial do automóvel e do seu uso diário que, a partir do final da década de 1980 e da década de 1990, alteraria profundamente a ocupação do espaço em Portugal, de forma tardia mas esmagadora. No território a-moderno do nosso país⁵, que apenas pontualmente e em pequena escala experimentara o urbanismo moderno, passava-se directamente do espaço da aldeia para a acessibilidade rodoviária, mantendo a forma de crescimento, o carácter fragmentário, a sobreposição de usos e a residualização dos espaços públicos que a caracterizam. Comparando com a primeira suburbanização, a lógica de organização modifica-se: são as rodovias [sobretudo as de maior capacidade de tráfego] que polarizam o crescimento. Os espaços vagos entre as áreas urbanas, antes ainda polarizadas, fecham-se; a ocupação é feita por retalhos, preenchidos ou vagos de forma aparentemente casuística; os nós viários são pontos preferenciais para a localização de novos conjuntos [ou parques] comerciais ou de serviços, desligados

5 Oscar Wilde, *O retrato de Dorian Gray*, 1890.

do contexto territorial anteriormente existente, isolados na sua relação autista com a *acessibilidade*.



Este segundo momento da periurbanização é global, processa-se massivamente em grande parte do território português [e não só, assemelha-se a outras regiões] - são criadas áreas [des]contínuas de ocupação ao longo de grandes faixas de território, sobretudo do litoral.

Enquanto isso, a discussão em torno do planeamento urbano centra-se em domínios diversos, como a competitividade e atractividade territorial, a preservação do ambiente e dos ecossistemas, a operacionalidade e flexibilidade do planeamento, ou a estratégia e as oportunidades para o desenvolvimento. Aceita-se como um dado a disseminação, a cidade fragmentada, difusa, a suburbanidade, a conurbação, a globalização. Procuram-se, por certo, paliativos, como o reforço da infra-estruturação, a criação de novas centralidades, a implementação de projectos exemplares que permitam induzir a qualificação pelos investidores privados; ou, ao contrário, apresenta-se simplesmente a esteticização de uma nova visão de cidade, feita de fragmentos, de colagens e de sobreposição.

"Cidades dotadas de uma inteira falta de intenção"...

Cidades que se explicam com as imagens do palimpsesto e do hipertexto, num território que constitui o retrato de Dorian Gray [6] da

nossa sociedade, mas que ao invés de se encontrar escondido num compartimento secreto se expõe ante todos os olhares. Que no seu crescimento aglutinador, incorpora espaços muito diferenciados, de áreas habitacionais dispersas a *centros históricos*, de espaços industriais obsoletos a *reservas* naturais, de antigas aldeias a grandes áreas comerciais, pretendendo tudo reduzir a uma tematização parcelar, a uma especificação dos fragmentos, fora de uma lógica integradora que não a da possibilidade de acesso através do automóvel.

No espaço territorial a-moderno, o automóvel surge, provavelmente, como a porta de acesso possível da maior parte dos habitantes a alguma urbanidade. Provavelmente, ele substitui-se à cidade como meio de acesso a habitação condigna, a emprego, a serviços indispensáveis, a espaços de lazer, a [alguma] oferta cultural. Provavelmente, ele constitui o meio de contornar as profundas insuficiências das nossas cidades, a alternativa à [deficiente] qualificação dos espaços urbanos. É, provavelmente, por isso que o automóvel vai substituindo a cidade.

Se, por um lado, a ocupação das áreas periurbanas tem tanto de aldeão como de urbano – na sua transformação como no uso e apropriação –, por outro, será ousado pensar que também os habitantes das áreas periurbanas consideram seu património os centros urbanos, sobretudo os de maior significado histórico, simbólico ou social?

"Há cidades esquecidas pelas semanas fora."



É certo que não só a cidade foi objecto de profundas transformações nestas quatro décadas. A produção económica, a organização social, o sistema político [em Portugal mas também no contexto internacional], a força e o papel do Estado, tudo foram modificações fortíssimas na sociedade, com reflexo nos modos de vida e, por consequência, na ocupação do espaço.

Na década de 1960, gerou-se uma atmosfera de questionamento em relação à evolução da sociedade, abrindo uma nova série de controvérsias e divergências que punham claramente em causa o sentido da modernidade. Este *ambiente volátil* anuncia o final do mundo moderno do século XIX, o mundo da certeza na evolução progressiva, em que o objectivo da sociedade é a renovação da sociedade, em que a revolução é permanente, em que as novas relações se tornam obsoletas antes de chegarem a consolidar-se, e *em que tudo está impregnado do seu conteúdo e tudo o que é sólido se dissolve no ar*⁶.

O questionar da modernidade como processo contínuo, impregnado da ideia de progresso moral, e da história como processo linear, marcado iniludível e profundamente pela devastação produzida pelas décadas de guerra na Europa, veio transformar profundamente o pensamento e a evolução na sociedade, nas ciências e nas artes. À homogeneização da cultura, à dissolução do sujeito na multidão, à reivindicação do poder absoluto em nome do bem comum, passa a sobrepor-se a referência individual ou a individualização das referências, e o esvaziamento da consciência. A perda de fé na ciência leva à procura de novas saídas, no questionar dos métodos, na aproximação entre campos do conhecimento, na procura da essência das soluções.

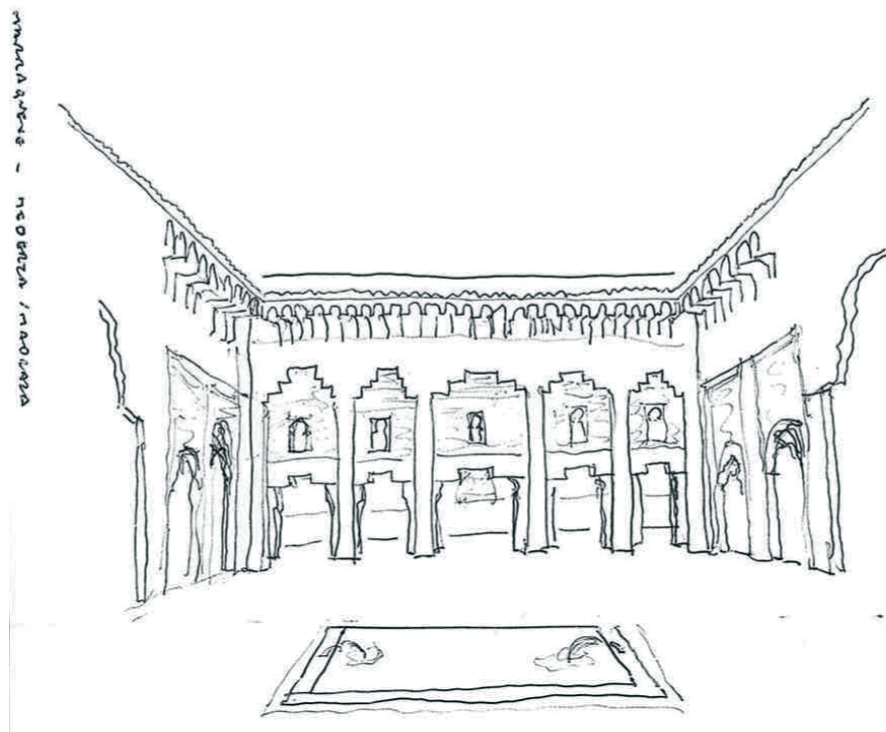
No domínio da arquitectura e da construção da cidade, este *ambiente volátil* despoleta sentidos diversos de procura – de contestação aos padrões e princípios saídos do modernismo e dos míticos CIAM. Longe se encontravam já, na sua implementação, os generosos ideais de desenvolvimento de uma cidade com habitação e qualidade de vida para todos [hoje olhados como de mínimos dos mínimos para o máximo] que haviam pautado os três primeiros Congressos Internacionais

6 Marshall Berman, *Tudo o que é sólido se dissolve no ar: a aventura da modernidade*, 1982.

de Arquitectura Moderna e as visões e propostas de Le Corbusier, e que haviam ficado órfãos de uma possibilidade generalizada de implementação logo na década de 1930, com a guerra civil de Espanha, a ascensão do nazismo e o rumo do comunismo estalinista ⁷. A Carta de Atenas, publicada em 1943 com dez anos de atraso [umas Constações parcelares, sem consenso, do CIAM de 1933 dedicado à *Cidade Funcional*] era agora um documento a que o tempo sublinhava as lacunas, sobretudo para a geração mais nova de arquitectos, ambiciosos de uma maior evolução das propostas.

"imaginavam bem a pureza com homens e mulheres ao lado uns dos outros..."

A arquitectura como grande solução e resposta aos problemas sociais, a arquitectura como reserva de criação do cenário de uma melhor sociedade, a arquitectura fora já do domínio da arquitectura, a arquitectura a que se pedia demais, a arquitectura a que se pedia tudo, caía desamparada. Da descrença na sua capacidade e no seu valor intrínseco nasciam novos sentidos de procura.



⁷ Eric Mumford, *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*, 2000.

À semelhança de Herberto Helder - que experimentava a poesia na relação com outros domínios, como a percepção visual ou os processos aleatório e combinatório por computador, em poemas como *Electronicolírica* ou na revista *Poesia Experimental* - também a arquitectura procurava evoluir e aprender sobre si própria no contacto com os computadores, as análises estruturalistas, a matemática, e na relação com ciências sociais como a história, a sociologia, a antropologia e a psicologia, ou ainda na ligação estreita pelo contacto directo e sistematizado com os destinatários.

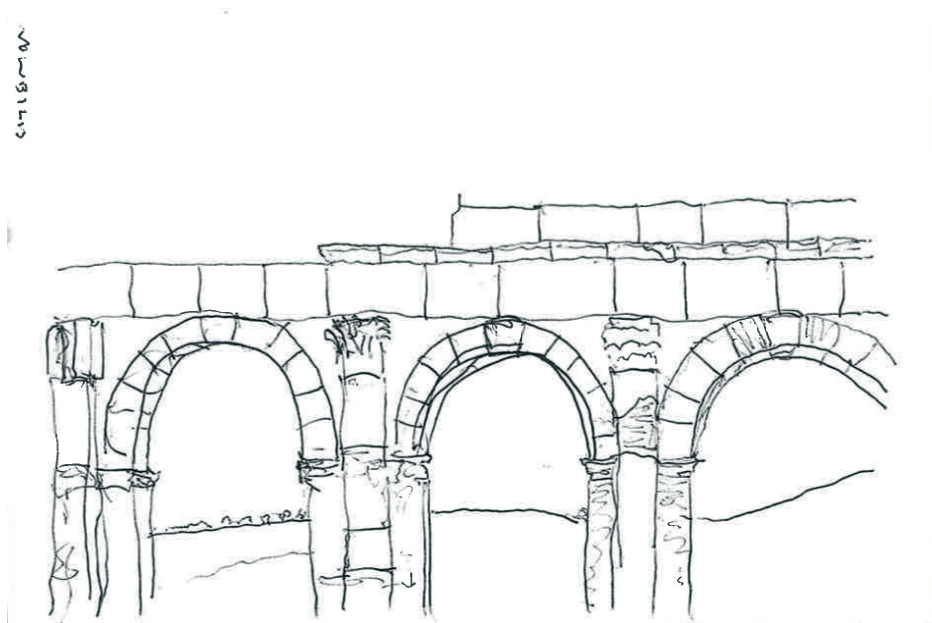
Com este processo [a soma destes processos], a arquitectura ganhou na incorporação de novas preocupações da arte do habitar, na desmistificação da simplificação mecanicista de organização dos espaços e de formalização das construções, com a introdução de novos conhecimentos provenientes da cultura pop, com a preocupação com a individualização e a apropriação, a qualificação ao invés da padronização e com uma nova leitura da história, de carácter transversal, levando à valorização e beneficiação do território ocupado e do tecido construído existente, em vez da sua anulação e substituição. Para além disso, a arquitectura desenvolveu também a percepção de qual o seu papel social, não já de visionária de propostas de organização de cidades novas para sociedades a desenvolver, mas de serviço à sociedade existente no seu campo disciplinar, com uma visão crítica mas respondendo em função da sua integração e complementaridade com outros agentes sociais.

No entanto, o seu afastamento na procura e desenvolvimento próprios alheou a arquitectura do processo de transformação urbanística - mais rigorosamente, de deriva urbana - que entretanto generalizadamente teve lugar, num excesso simultâneo característico da condição da sobremodernidade⁸. Este alheamento entre a arquitectura e a organização do espaço urban[izad]o manteve-se, sem sinais de aproximação consistentes, até ao momento actual.

A matriz de criação das vastas áreas periurbanas da sobremodernidade tende a definir não-lugares: espaços sem carácter identitário, relacional ou histórico, esvaziados de consciência, com utilização de carácter contratual.

8 Marc Augé, *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, 1992.

Alain Joubert afirmava que “Os lugares morrem como os homens, embora pareçam subsistir”⁹. A cidade moderna, frutífera na criação de lugares - de espaços integradores, de significado e de relação entre os habitantes urbanos - morre, segundo Joubert.



A cidade do espaço público, da cidadania, da integração, necessita de um projecto de cidade¹⁰.

A construção desse projecto de cidade deve passar pela arquitectura, pelo seu âmago disciplinar. À submissão às ciências sociais e, com o fim do Estado-Providência, ao domínio do investimento e da oportunidade, à economia, à geografia urbana, aos estudos analíticos complementados por uma intenção de estratégia, deve a arquitectura corresponder com o seu próprio conhecimento. A criação de cidade é também [é sobretudo] o desenho do espaço, a criação do lugar, a marca da cidadania, da relação, da integração. Um projecto de cidade necessita de desenho, não como uma cartilha [de Atenas ou outra] a repetir, ou como um meio para a padronização, mas como um quadro de referências da história da arquitectura e do desenho urbano, em permanente actualização, como instrumento de apoio e suporte da reflexão no momento do desenho

9 Alain Joubert, citado por Paul Virilio, *Ville Panique: ailleurs commence ici*, 2004.

10 Jordi Borja, *Ciudadania y espacio público*, 1998.

ou da definição de estratégias. Se os modelos da cidade moderna, do séc. XIX, e os seus elementos morfológicos constituintes [rua, praça, quarteirão] constituem um sólido conjunto de instrumentos testados com sucesso [variável] em muitas cidades, existem igualmente toda uma série de experimentações trabalhadas ao longo do séc. XX – sobretudo até à década de 1970 – que constituem igualmente matéria substantiva de suporte ao desenvolvimento de um projecto de cidade capaz de responder a todas as necessidades e solicitações actuais.

A criação de cidade como resposta à periurbanização [ou à x-urbanidade] tem muito frequentemente de partir, necessariamente, da transformação, integração e beneficiação do tecido construído existente. No entanto, o desenvolvimento de uma urbanidade integradora não é possível apenas de modo complementar das estruturas e construções existentes, como uma recicatrização contextualista ¹¹, necessita de uma metodologia de intervenção com um suporte de referência que lhe confira capacidade e identidade próprias.

“Uma cidade voltada para dentro do génio, aberta como uma boca em cima do som.”

11 Gonçalo Byrne, *Colar é introduzir fragmentos descontextualizados*, 2004.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc – *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Bertrand Editora. Venda Nova. 1994 [1ª edição 1992].
- BERMAN, Marshall – *Tudo o que é sólido se dissolve no ar: a aventura da modernidade*. Edições 70. Lisboa. 1989 [1ª edição 1982].
- BOHIGAS, Oriol – *Contra la incontinencia urbana: reconsideración moral de la arquitectura y la ciudad*. Electa. Barcelona. 2004.
- BORJA, Jordi – *Ciudadania y espacio público*. in SUBIROS, Pep [edição] - *Ciutat real, ciutat ideal: Significat i funció a l'espai urbà modern*. Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona. Barcelona. 1998.
- BYRNE, Gonçalo – *Colar é introduzir fragmentos descontextualizados*. entrevista por BORGES, Eugénio; PINTO, Vera. in *Nu #19*. NUDA/AAC. Coimbra. 2004.
- GOMES, Paulo Varela – *Viagem para o Oriente*. in *Paisagens Invertidas: Les Yeux qui ne voient pas*. Ordem dos Arquitectos. Lisboa. 2003.
- HELDER, Herberto – *A colher na boca*. Edições Ática. Lisboa. 1961.
- HELDER, Herberto – *Lugar*. Guimarães Editores. Lisboa. 1962.
- HELDER, Herberto [organização] – *Edoi lelia doura: antologia das vozes comunicantes da poesia moderna portuguesa*. Assírio e Alvim. Lisboa. 1985.
- JOUBERT, Alain, citado por Paul Virilio: VIRILIO, Paul – *Ville Panique: ailleurs commence ici*. Éditions Gallilée. Paris. 2004.
- MUMFORD, Eric - *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. Massachusetts Institute of Technology Press. Cambridge. 2000.
- WILDE, Oscar – *O retrato de Dorian Gray*. Editorial Verbo. Lisboa. 1971 [1ª edição Londres 1890].